**A ENCENAÇÃO DE UM CRIME: UMA CONSTITUIÇÃO RECÍPROCA ENTRE CENOGRAFIA E ENUNCIAÇÃO**

**THE STAGING OF A CRIME: A MUTUAL CONSTITUTION BETWEEN SCENOGRAPHY AND ENUNCIATION**

Jarbas Vargas Nascimento (PUC-SP/UFES) [[1]](#footnote-1)\*

Anderson Ferreira (PUC-SP) [[2]](#footnote-2)\*

**Resumo**: Este artigo examina a constituição da cenografia no gênero de discurso notícia, por meio de recortes feitos em dois jornais populares o *Agora São Paulo* e o *Diário de São Paulo* entre os dias 18 e 19 de setembro de 2013, enfatizando a construção das cenografias legitimadas pela enunciação e o enlaçamento do coenunciador em cenas de investigação criminal. Serão, portanto, cinco textos, tomados como discurso, que produzem, em conjunto, uma encenação de um suposto crime. Para tanto, fundamentamo-nos no aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de perspectiva enunciativo-discursiva, em especial, nos estudos de Dominique Maingueneau acerca da noção de cenas da enunciação, com destaque para a cenografia. É importante ressaltar uma imparcialidade quase nula dos jornais selecionados perante os fatos e, também, a insistência em tratar o suposto crime por meio da vulnerabilidade social das famílias da periferia da grande São Paulo, nomeadamente Ferraz de Vasconcelos e pelo viés sociocultural dos envolvidos, recuperando violências simbólicas e efetivas de toda ordem que ocorrem no cotidiano público e privado nos bairros periféricos.

**Palavras-Chave:** Cenografia. Encenação. Imprensa. Discurso. Violência.

**Abstract**: **Abstract**: This article examine the constitution of scenography in the news genre, through indentations made in two popular newspapers: the Agora São Paulo and the Diário de São Paulo between 18 and 19 September 2013, emphasizing the construction of scenography legitimated by the enunciation and the bonding of coenunciator in criminal scenes. It will be, therefore, five texts, taken as discourse, which, in our view, produce together a staging of an alleged crime. Therefore, fundamented in, the present analysis, the theoretical and methodological apparatus of the Analysis of Discourse of the enunciative-discursive perspective, in particular, Dominique Maingueneau studies about the notion of scenes of enunciation, whose scenography category will be for us highlighted. It is important to emphasize an impartiality almost nothing of the newspapers concerned before the facts, and also, the insistence on treating the alleged crime through social vulnerability of families in the outskirts of the greater São Paulo, namely Ferraz de Vasconcelos and for the sociocultural inclination of those involved, recovering, in this way, all kinds of symbolic and effective violences that occur in the daily public and private in the suburbs neighborhood.

**Keywords:** Scenography. Staging. Press. Discourse. Violence

**Considerações iniciais**

O presente artigo visa a examinar, no gênero notícia,a constituição recíproca presente entre a cenografia e a enunciação. Privilegiamos como aporte teórico-metodológico a Análise do Discurso em sua perspectiva enunciativo-discursiva, em particular, os estudos propostos por Dominique Maingueneau sobre a noção de cenas de enunciação. Na primeira seção, expomos as condições sócio-históricas de produção do *corpus* selecionado. Observamos, ainda, como a máquina midiática transforma um acontecimento em notícia, capturando a realidade empírica por meio de recortes e seleções subjetivas. Na segunda seção, apresentamos a noção de cenas de enunciação proposta por Maingueneau (2008; 2015) e, em especial, a categoria de cenografia e sua forma de constituição como estratégia de envolvimento discursivo entre os coenunciadores. Na última seção, analisamos cinco textos noticiosos, tomados como discurso, e retirados dos jornas *Agora São Paulo* (doravante, ASP) e *Diário de São Paulo* (doravante, DSP). As notícias dão conta da morte de cinco pessoas da mesma família em setembro de 2013, em Ferraz de Vasconcelos, grande São Paulo.

**Mídia, discurso e violência**

Em setembro de 2013, na cidade de Ferraz de Vasconcelos, grande São Paulo, a imprensa escrita e digital noticiou a morte de cinco pessoas de uma mesma família. Seus corpos foram encontrados dentro do apartamento onde moravam. Tratava-se de Dina Vieira da Silva de 42 anos e seus quatro filhos, sendo três meninas de 7, 11 e 16 anos e um menino de 12 anos. Na época, os jornais ASP e DSP dedicaram um espaço significativo, entre os dias 18 e 19 de setembro, para a tragédia. Algumas informações dadas pela Polícia Civil do Estado de São Paulo, durante as investigações, foram sendo acrescentadas ao acompanhamento dos referidos jornais no caso: fotos, textos, “planta” do apartamento, averiguação da vida privada dos envolvidos entre outras coisas.

A figura 1, abaixo, como veremos, parece sugerir que o homem, sendo conduzido por policiais e escondendo o rosto embaixo da blusa, cometeu algum crime, embora o item lexical “suspeito” minimize a acusação. Com efeito, a imagem é um elemento essencial na produção da informação no campo da imprensa. A foto tende a direcionar olhar do leitor no momento da prisão. O leitor se depara, na interação com a cenografia, com um criminoso, não com um suspeito. Não existe movimento que explique ou negue uma imagem congelada, mas “[...] o fluxo incessante da imagem constitui o nosso meio circundante” (SONTAG, 2003, p. 33). A imagem (fig.2), contudo, não é apresentada sozinha, já que não estamos diante de um álbum de violência urbana. A foto apresentada no jornal ASP circunda-se por enunciados que visam a testemunhá-la. O icontexto materializa um discurso tecido de forma bem organizada pelo jornal em questão.

Este discurso presentifica-se entre o acontecimento e a notícia. Ele é a consequência do olhar lançado pelos sujeitos sobre o espaço social. O efeito de sentido produzido neste espaço depende da posição coenunciativa de cada sujeito. Então, o homem levado pelo policial, cobrindo o rosto, não é apenas um homem escondendo a face. Ele, como descreve o texto ao lado, é um boliviano: um estrangeiro, suspeito de matar uma família inteira envenenada. Ele, também, é um agressor reincidente, pois, como consta nos boletins de ocorrência feitos na Delegacia da Mulher, a vítima havia registrado três queixas por violência doméstica. Ele, ainda, é um ex-condenado da polícia por furto. Estas informações ampliam os efeitos de sentido da imagem ora estabilizada e passam a construir uma encenação.



Figura 1. Alex Pedraza, escondendo o rosto

Fonte: Agora São Paulo

O que faz dele um suspeito não é somente sua ligação com uma das vítimas, no caso Dina Vieira, sua namorada, mas, sobretudo, a encenação de uma violência doméstica, contida na memória discursiva do leitor desse jornal. Uma jarra com líquido amarelado e um pedaço de bolo encontrado no local, junto aos cinco corpos, são os objetos que mobilizam cenas de fala validadas para criação do cenário. Além disso, elementos linguísticos são necessários à produção do “roteiro” e vão, com suas personagens, compondo a cena. Trata-se agora de uma representação coletiva cristalizada a qual chamamos de estereótipo (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2008). Como veremos no *corpus* selecionado, a construção discursiva do homem escondendo o rosto é a de um imigrante boliviano que não tem endereço nem emprego fixos: ciumento, violento, péssimo pai e possessivo.

Na notícia acima (fig. 2), o espaço temático nos remete ao título: “Mãe e quatro filhos são encontrados mortos na grande São Paulo”, “[...] é um fato que se inscreve num certo domínio público e que pode ser reportado sob a forma de um minirrelato” (CHARAUDEAU, 2010, p. 132). O lugar é a grande São Paulo; o fato corresponde às pessoas serem encontradas mortas; os atores são a mãe, os quatro filhos e o boliviano, Alex Guinones. A novidade é um imigrante boliviano matar por envenenamento a namorada e os quatro filhos dela por vingança ao rompimento do namoro. A fonte é a polícia que “investiga a possibilidade de envenenamento”; a diversidade no tratamento é a prática discursiva em descrever o fato. Eis, então, a construção de uma notícia.

O acontecimento no discurso é a morte das cinco pessoas da mesma família. A suposta brutalidade dessas mortes é a notícia*.* O acontecimento significado “[...] nasce num processo evenemencial que [...] se constrói ao término de uma mimese tripla. É daí que nasce o que se convencionou a chamar de ‘a notícia’” (CHARAUDEAU, 2010, p. 132). Para este autor, portanto, notícia diz respeito a um acervo de informações, que se inscreve num mesmo espaço temático e apresenta-se como novidade, embora, muitas vezes, a notícia apenas traga elementos novos. Além disso, resulta de uma fonte e pode ser tratada de forma diferente. Deste modo, teremos em um acontecimento: um espaço temático, um caráter de novidade, uma fonte e seus diversos tratamentos.

**Encenação e cenas da enunciação**

A notícia, no caso de nosso *corpus*, faz parte da cena englobante do discurso jornalístico. Segundo Maingueneau (2008; 2013; 2015), ao ler jornais, receber folhetos na rua, ler livros, bulas, receitas, não é tão fácil classificar o tipo de discurso com o qual nos deparamos. No entanto, por meio de sua função social, podemos chegar a essa categorização. Ou seja, podemos determinar qual é a “[...]cena englobante na qual é preciso que nos situemos para interpretá-lo, em nome de que [o texto] interpela o leitor, em função de qual finalidade ele foi organizado” (MAINGUENEAU, 2013, p. 95).

Contudo, para o leitor, receber uma notícia e dizer que se trata de um discurso jornalístico é insuficiente. De acordo com Maingueneau (2013), o leitor, ao ler a notícia, por exemplo, não está tratando com o discurso jornalístico, mas com o gênero de discurso, que define os papéis sociais que ele deve assumir:

Trata-se de um dispositivo de comunicação possível de atualizar as interações por meio de um arsenal de gêneros já existentes e conhecidos dos indivíduos. Isso possibilita tanto a manutenção das relações sociais quanto a economia no tempo da interação pela recorrência de modelos preestabelecidos, não havendo necessidade de se criar um gênero a cada situação comunicativa iniciada. (NASCIMENTO & CANO, 2011, p. 400)

Em outras palavras, no discurso jornalístico- cena englobante - podemos acionar o gênero do discurso notícia *-* cena genérica - para definir o quadro cênico do discurso. Deste modo, a cena englobante contribui para produção de efeitos de sentido de um dado discurso, na medida em que podemos identificar o tipo de discurso que recebemos. A cena genérica, por sua vez, define o papel dos coenunciadores. Por exemplo, no caso de uma notícia em um jornal, estamos recebendo um discurso jornalístico. Logo, teremos um enunciador (jornal, jornalista) e um coenunciador (leitor). Entretanto, a interação entre os coenunciadores ocorre por meio da cenografia.

A cenografia é aquela com a qual o leitor se defronta. É a partir de enunciados descritos em determinados contextos que a cena vai sendo construída; logo, não existe um quadro construído *a priori* e independente no interior do espaço. Ela existe em relação de reciprocidade produtiva com a enunciação, o acontecimento propriamente dito, isto é, princípio no interior do desenvolvimento do dispositivo verbo-enunciativo. A cenografia afasta o quadro cênico e o leitor recebe o texto por uma cena construída pela enunciação.

**A construção da cenografia: estratégias e envolvimento**

Destacamos, em sublinhado, os enunciados pelos os quais vamos nos apoiar, no entanto, sem desconsiderar o plano global das notícias publicadas entre os dias 18 e 19 de setembro de 2013, nos jornais ASP e DSP. Marcamos por números, para efeito de orientação e consulta, os parágrafos de cada texto. Também, não organizamos as notícias em ordem cronológica.

Texto 1

**FAMÍLIA MORTA E FERRAZ DE VASCONCELOS**

**Boliviano ameaçou a namorada de morte**

**[1]** A auxiliar de enfermagem Dina Vieira da Silva, 42 anos, denunciou à polícia, em março, que havia sido ameaçada de morte pelo namorado boliviano Alex Guinones Pedraza, 33 anos, quando tentou romper. Dina e quatro filhos foram encontrados mortos no apartamento na segunda. A polícia suspeita de envenenamento ou vazamento de gás. O boliviano está preso e nega o crime.

Agora São Paulo, 19 de setembro de 2013.

Ao ler a notícia acima, o leitor do jornal não reconhece o quadro cênico do discurso. Ele se depara com a cenografia de crime de uma família da periferia da grande São Paulo. Ou seja, a cenografia se desenvolve acerca dos possíveis motivos que levariam Alex Guinones a matar Dina Vieira e os quatro filhos dela. As condições sócio-históricas de produção atribuem aos enunciados o sentido de crime passional. O jornalista responsável pela imparcialidade da informação lança mão de um enunciador/investigador; o leitor da notícia de violência doméstica passa a coenunciador/expectador e júri de um possível crime.

Esta notícia fora publicada no jornal ASP em 19 de setembro, portanto, três dias depois das primeiras notícias do fato. Deste modo, o caso já era conhecido do leitor deste jornal, e, também, fora amplamente divulgado nos meios de comunicação durante aquela semana. Todavia, neste dia, o jornal ASP expõe um elemento novo ao fato: a vítima, Dina Vieira, foi ameaçada porque tentou romper o namoro, sugerindo, de modo antecipado, a passionalização para o suposto crime.

No entanto, o enunciador, no parágrafo **[**1] do texto 1, apenas sugere a acusação, pois reitera que “a polícia suspeita de envenenamento ou vazamento de gás” [1]. Mesmo assim, o dispositivo comunicativo constrói uma cenografia que é validada pelo enunciado, levando o coenunciador a aderir à ideia de crime passional. “O boliviano está preso e nega o crime” [1]. Perguntaríamos, então, qual crime?

Na constituição da cenografia, como propõe Maingueneau (2013), os enunciados recorrem às cenas validadas. As cenas que lhes darão *status* dizem respeito àquelas que já estão instaladas na memória coletiva. Ou seja, o fato de motivos passionais desencadearem reações violentas em algumas pessoas e levá-las a cometer crimes bárbaros contra aqueles com quem conviveram de modo afetivo. Dessa forma, é a própria cenografia que legitima, de modo recíproco, a sua existência como enunciado. “É na sua progressão que o enunciando vai se legitimando na medida em que aciona um dispositivo de fala e, retroativamente, se valida” (NASCIMENTO e CANO, 2011, p. 400).

Texto 2

**Polícia investiga se boliviano viu a família agonizar**

**[1]** Vestígio de fezes em tênis de Alex Pedraza pode indicar que ele estava no apartamento de Dina quando ela e os filhos começaram a passar mal.

Diário de São Paulo, 19 de setembro de 2013.

Se a criminalização ocorreu de forma velada no texto 1, no texto acima, publicado em 19 de setembro no jornal DSP*,* a cenografia apoia-se em provas periciais materializadas pela enunciação. Elas se apresentam como evidências materiais e simbólicas que incriminam Alex Guinones. Ao leitor resta, de forma associativa, “ligar” os fatos e esperar a conclusão validada pelas provas científicas, já que elas sugerem a crença nas ciências, no campo da perícia técnica, que, em nossa cultura, procuram desvendar crimes por meio de testemunhos e resíduos periciais, cujo função é a de levar ao juiz elementos de convicção sobre fatos que dependem de conhecimento especial técnico, isto é, juízos especializados sobre os fatos relevantes da causa. Contudo, os efeitos de sentido produzidos nestes enunciados levam, se realizada uma leitura atenta dos fatos, a contradições e falácias.

A possível crueldade e frieza proposta pelo enunciado da manchete “Polícia investiga se boliviano viu a família agonizar”, no texto 2, leva o leitor a apreender o discurso não como o desenrolar da morte de uma família, mas como um crime bárbaro e brutal cometido por um ser humano frio e cruel. O que nos chama a atenção é a enunciação cenográfica dos últimos momentos das vítimas “começaram a passar mal” com a inserção de Alex Guinones na cena construída “vestígios de fezes em tênis” [...] “pode indicar que ele estava no apartamento” **[1]**.

 Estes enunciados que colocam Alex Guinones na cena do “crime” no momento da morte da família são parte integrante da encenação de um crime passional, levados às últimas consequências de detalhes pelas notícias nos jornais. No mínimo, este fato consiste em um desconhecimento do caso por parte daqueles que primam pela ubiquidade e proximidade. Era sabido de todos (polícia, jornal, jornalista e leitor) que foi o próprio Alex que encontrou as vítimas e acionou a polícia: fato revelado pela Polícia Cível e divulgado à imprensa. Alex havia testemunhado à Polícia Civil, dias antes, que ele, um morador e o subsíndico do prédio arrombaram o apartamento antes de a Polícia Militar chegar. Contudo, como postula Charaudeau (2008, p. 242):

O acontecimento em estado bruto sofre uma série de transformações - construção desde seu surgimento. Quer seja – na melhor das hipóteses – percebido diretamente por jornalistas, ou relatado por intermediários (testemunhas, agências de imprensa, documentos), já é objeto de uma interpretação. Depois, ao entrar na máquina de informar, passa por uma série de filtros construtores de sentidos, e o relato resultante, assim como seu comentário, escapam à intencionalidade de seu autor.

Texto 3

**Vítima reclamou de cheiro de gás**

**[1]** A polícia afirma que Marcos Franco, 34 anos, subsíndico do prédio de Dina, depôs ontem e disse que a auxiliar de enfermagem o procurou no último domingo para reclamar de forte cheiro de gás no apartamento.

**[2]** Ele e um vizinho ajudaram o namorado da vítima a arrombar a porta do apartamento na terça, quando os corpos foram achados. Havia fezes e vômito em todos os cômodos da casa.

**[3]** Também ontem, familiares de um rapaz de 23 anos que morreu em meados de junho no mesmo apartamento afirmaram em entrevistas que ele passou mal cinco dias após se mudar para o mesmo apartamento e inalar gás que vazava do aquecedor.

**[4]** Toxicologistas dizem que é incomum vazamento de gás provocar vômito e diarreia. Antony Wong, diretor médico do Centro de Assistência Toxicológica do HC, disse que vazamento de gás mata por sufocação ou asfixia e que causa dor de cabeça e desmaio. Sérgio Graff, da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), afirmou que o gás de cozinha é asfixiante e dificilmente causa vômito ou diarreia.

Agora São Paulo, 19 de setembro de 2013.

No mesmo dia da publicação da notícia do jornal DSP*,* o ASP noticiou, no desenrolar do caso, mais um fato ‘novo’ por meio de novas fontes. Além de confirmar o que já havíamos dito “Ele (subsíndico) e um vizinho ajudaram o namorado da vítima (Alex) a arrobar a porta do apartamento, na terça, quando os corpos foram achados” [2]. “Havia fezes e vômitos em todos cômodos da casa” [2], e o texto noticioso troca o léxico boliviano pela expressão “namorado da vítima” [2]. Essa troca, aparentemente banal, tem implicações importantes e produz outros efeitos de sentido. Sem contar a mudança semântica da manchete “Vítima reclamou de cheiro de gás”, que agora coloca em evidência a questão de um possível vazamento de gás, ou seja, a evidência de uma fatalidade e não de um crime.

No que se refere à troca do item lexical “boliviano”, observamos que, desde as primeiras notícias acerca da fatalidade que matou as cinco pessoas da mesma família, Alex Guinones Pedraza era apresentado como “o boliviano”. Esse adjetivo pátrio não remete somente à nacionalidade do acusado, mas reconhece essa nacionalidade de forma pejorativa. O caso de tratar Alex Guinones, quase sempre, como o boliviano, reforça os estereótipos que temos com nossos vizinhos da América do Sul e, em especial, com os imigrantes bolivianos, que vivem, no Brasil, quase sempre, em condições de pobreza, ilegais e submetidos ao trabalho escravo.

Contudo, o caso aos poucos vai se esclarecendo e a criminalização de Alex Guinones tende a se tornar insustentável. Um elemento novo é trazido em favor do acusado “um rapaz de 23 que morreu em meados de julho no mesmo apartamento [...] após inalar gás que vazava do aquecedor” [3]. No entanto, como não há a retirada oficial das acusações pela polícia, os jornais querem extrair um pouco mais da tragédia.

Deste modo, enunciados de fontes que indicam autoridade científica no assunto são mobilizados para a construção da enunciação, legitimando a cenografia de crime: “toxicologista dizem”, “diretor médico do centro de Assistência Taxológica do HC”, “Sérgio Graff da Unifesp afirmou” [4]. Estas informações de autoridades do campo da ciência médica visam a descartar a ligação de os vômitos e as fezes, encontradas por todo apartamento, serem sintomas do envenenamento por gás. Em última instância, objetivam sustentar a possibilidade de as vítimas terem morrido por outro tipo de envenenamento, causado, talvez, de forma criminosa.

Texto 4

**Namorado ameaçou mãe achada morta com os filhos**

**Em março, ela registrou queixa em que dizia que suspeito havia ameaçado matá-la**

**[1]** A auxiliar de enfermagem Dina Vieira da Silva, 42 anos, procurou a DDM (Delegacia da Defesa da Mulher), no centro de SP, em março deste ano, para reclamar que o namorado, o boliviano Alex Guinones Pedraza, 33 anos, havia ameaçado matá-la.

**[2]** Ele foi preso anteontem à noite, quase 24 horas após a namorada e os quatro filhos dela, com idades de 7, 11, 12 e 16 anos, de outros três relacionamentos, terem sido encontrados mortos no apartamento onde moravam, em um condomínio de Ferraz de Vasconcelos (Grande SP).

**[3]** Pedraza é considerado suspeito, mas alega inocência. A reportagem não localizou a defesa dele. Ele teve a prisão temporária de 30 dias decretada pela Justiça. O DHPP (Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa) investiga se as mortes foram causadas por envenenamento ou por vazamento de gás.

**[4]** Ao registrar a queixa neste ano, Dina afirmou à polícia que tentou romper o namoro, mas Pedraza não aceitou, afirmando que a mataria e não adiantaria ela fugir.

**[5]** Alguns anos antes, em março de 2009, Dina havia prestado queixa no 54º DP (Cidade Tiradentes). Na ocasião, ela disse que havia se mudado e que o namorado tinha descoberto seu endereço. Segundo o relato da vítima, ele foi ao prédio de Dina, a xingou e agrediu**.**

**[6]** Em novembro de 2008, quando completou um ano de namoro com Pedraza, ela havia comparecido ao 8º DP (Belém) e se queixado que fora agredida com chutes. Dina teve uma filha com ele. Atualmente, a menina tem seus anos e está aos cuidados da avó paterna.

**[7]** Mãe e quatro filhos foram enterrados ontem no cemitério Bosque da Paz, em Vargem Grande Paulista (44 km de SP). O marceneiro Brás Lopes de Souza, 42 anos, e o metalúrgico Aparecido Elias dos Santos, 42 anos, ex-maridos de Dina, foram ao enterro.

**[8]** Santos afirmou que Pedraza era ciumento e não o deixava ver os filhos que teve com Dina. Maicon, 17 anos, o filho mais velho de Dina, disse ontem que Pedraza era possessivo, agredia sua mãe e havia ameaçado matá-la.

(Josmar Jozino e FSP)

Agora São Paulo, 19 de setembro de 2013.

O título da notícia do texto 4 anuncia que se vai enveredar por outro aspecto do acontecimento: a encenação dos conflitos particulares entre o casal, o que gerou ameaças de morte feita por Alex e denúncias da vítima na Delegacia da Mulher, sugerindo que as denúncias de ameaças não foram devidamente apuradas pela polícia. O segundo e terceiro parágrafos da notícia retomam, de forma breve, o fato; nos parágrafos restantes a cenografia é de um relato de encenação das desavenças no relacionamento entre o casal. Essa cenografia é necessária para ligar os conflitos desestruturais de famílias em situação de vulnerabilidade social (causa) à morte de Dina e seus filhos no apartamento (consequência). A cena validada caracteriza-se como “[...] estereótipo autonomizados, descontextualizado, disponível para reinvestimento em outros textos” (MAINGUENEAU, 2013, p. 102).

No quinto parágrafo em destaque, por exemplo, a enunciação recorre à memória coletiva: o fato de a mulher tentar romper o namoro por sofrer agressões de seu companheiro que, além de não aceitar o rompimento, fazia ameaças contínuas a sua companheira. De outro modo, o fato de uma mulher, em relação às agressões do companheiro, prestar queixas na delegacia e as autoridades não atenderem com urgência a ocorrência. [5] Por último, os enunciados mobilizam uma memória coletiva de uma família ser incapaz de cuidar dos próprios filhos: “Dina teve uma filha com ele. Atualmente a menina tem seis anos e está aos cuidados da avó paterna**”** [6].

Além disso, uma circunstância pejorativa na memória coletiva da sociedade machista atual diz respeito ao fato de a mulher ter tido muitos relacionamentos e muitos filhos, acionando o ciúme, normatizado em tal sociedade, concedendo uma compreensão de que o companheiro, por isso, é passível de ter um temperamento violento e possessivo. “Santos afirmou que Pedraza era ciumento e não o deixava ver os filhos que teve com Dina” e “Maicon, 17 anos, o filho mais velho de Dina, disse ontem que Pedraza era possessivo, agredia sua mãe e havia ameaçado matá-la” [8].Em última instância, a constituição da cenografia instaura conflitos insustentáveis no âmago de famílias vulneráveis socialmente, revelando práticas machistas e violentas no campo da igualdade de gêneros.

Todas essas cenas de fala validadas servem para apoiar a cenografia construída. Como sugere Maingueneau (2013), elas, embora validem a cenografia, são modelos que, “à luz do dia” procura-se rejeitar. De qualquer modo, conduzem o leitor a um histórico psicopático do suspeito. O leitor, no curso da enunciação, vai sendo enlaçado nessa cenografia de relatório psicossocial. Desse modo, “[...] a cenografia é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la” (MAINGUENEAU, 2013, p. 97).

Texto 5

**Para polícia é provável que família tenha sido envenenada. Justiça decretou prisão de namorado da mãe.**

**[1]** O boliviano Alex Guinones Pedraza, 33 anos, foi preso ontem à noite, quase 24 horas após a namorada, a auxiliar de enfermagem Dina Vieira da Silva, 42 anos, e os quatro filhos dela terem sido encontrados mortos no imóvel da família, em Ferraz de Vasconcelos (Grande SP).

**[2]** Segundo a Polícia Civil, a Justiça acatou o argumento de que Pedraza não tem endereço nem trabalho fixos e poderia fugir, prejudicando as apurações do caso, e decretou a prisão temporária do boliviano. Ele é considerado suspeito pela polícia. O *Agora*não localizou o advogado dele ontem à noite.

**[3]** No apartamento das vítimas forma apreendidos uma jarra com um líquido amarelado e pedaços de bolo. Houve vazamento de gás no imóvel. O DHPP (Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa) trabalha com duas hipóteses: envenenamento das vítimas ou intoxicação causada pelo gás. Pelo imóvel havia fezes e muito vômito. Não havia sinais de violência nos corpos.

**[4]** Segundo a perícia, Dina foi encontrada morta de bruços na cama de um dos quartos. A filha caçula, Vitoria Cristina Vieira da Silva, 7 anos, estava no chão da sala e Caroline Laura da Silva Lopes, 11 anos, no sofá. Karina Rosa da Silva Lopes, 16 anos, morreu no box do banheiro e o irmão Carlos Daniel da Silva Lopes, 12 anos, no quarto dos fundos. Segundo a polícia, Caroline estava só de calcinha. As irmãs e a mãe foram encontradas sem calcinha.

**[5]** Na madrugada de ontem, Pedraza afirmou à polícia que anteontem havia ligado várias vezes para Dina. Como ela não atendeu, ele foi ao apartamento da namorada. Como o imóvel fica no térreo, ele viu, por uma janela, duas crianças caídas. Com ajuda de um morador e do síndico, ele arrombou a porta do imóvel, encontrando os corpos. A polícia analisa as imagens das câmeras do condomínio.

**Ameaças**

**[6]** Dina procurou a Polícia Civil três vezes para reclamar de ameaças feitas pelo namorado. Ela registrou três boletins de ocorrência – em 2008, 2009 e este ano. Pedraza já foi condenado a dois anos por furto.

**[7]** Este foi o quarto crime envolvendo famílias assassinadas em menos de dois meses. No total, 17 pessoas morreram.

(Josmar Jozino)

Agora São Paulo, 18 de setembro de 2013.

A construção de uma cenografia de crime sexual foi abandonada nas notícias ulteriores.[[3]](#footnote-3) Na notícia do texto 5, o enunciador afirma, por meio das cenas de fala, que “não havia sinais de violência nos corpos” [3]; “as irmãs e a mãe foram encontradas sem calcinha” [4]. Estes enunciados visam a construir uma cenografia de crime sexual, somada ao crime de envenenamento e assim não descarta as informações da fonte: “no apartamento das vítimas foram apreendidos uma garrafa com um líquido amarelado e pedaços de bolo. Houve vazamento de gás no imóvel” [3]. Conjecturamos que a cenografia de crime sexual pode ter sido retirada, pois a informação de que as meninas e a mulher estavam nuas ou seminuas é totalmente irrelevante para apurar se elas foram ou não envenenadas, posto que a possibilidade de estupro não fora cogitada pela Polícia Civil. Note-se que sobre o menino não se tem nenhuma informação da roupa que vestia quando foi encontrado.

No último parágrafo, pode-se verificar que houve uma criminalização, por parte do jornal, de Alex Guinones Pedraza, sem as provas periciais de qualquer crime. A notícia da morte das cinco pessoas é afastada para ser construída uma cenografia de relatos de crimes em São Paulo. A instância de informação, longe de ser imparcial, assevera por meio do enunciador que houve um crime, mesmo sem apuração da verdadeira causa das mortes. “Esse foi o quarto crime envolvendo famílias assassinadas em menos de dois meses” [7]. Insistimos na pergunta: qual crime? Sabemos, pois, que não houve, neste caso, nenhum crime, mas uma fatalidade em decorrência do vazamento de gás de um aquecedor a gás residencial mal instalado.

**Considerações finais**

Apresentada como crime nos jornais ASP e DSP a notícia foi explorada pela vulnerabilidade social das famílias das periferias da cidade e pelo viés sociocultural dos envolvidos, desencadeando outros tipos de violências materializadas no discurso. A violência propriamente dita, isto é, o acontecimento da morte de cinco pessoas da mesma família, desencadeia uma série de violências, que estão presentes na memória discursiva do leitor desses jornais populares: a violência contra mulher, a violência contra a população mais carente, a violência contra imigrantes bolivianos, a violência contra criança etc. Todas essas violências, se não estão configuradas como atos de violências, apresentam-se como estados de violência.

O leitor é envolvido por meio de cenografias construídas pela enunciação que se desenrola no caso da família morta por envenenamento. São construídas encenações de violência urbana, de crimes bárbaros e sexuais. Desta forma, a constituição da cenografia legitima, de modo recíproco, uma enunciação de um estado de violência física e simbólica, o qual se presentifica no *corpus* analisado. A enunciação singular da enunciação é engendrada dentro de um quadro maior de violência urbana. O leitor do jornal é posto em uma cenografia estereotipada que, para ser legitimada, apoia-se em cenas socialmente validadas, por meio de enunciados, que reproduzem esses estereótipos. Assim, as cenas de fala validadas são escolhidas de acordo com o grupo visado, no caso de nosso *corpus*, as cenas escolhidas abrangem um grupo amplo, nomeadamente leitores populares destes jornais.

Esta condição recíproca entre enunciação e cenografia leva o coenunciador a acionar os estereótipos para criminalizar, de forma velada, Alex Guinones Pedraza, já que, conforme foi apurado pelo Instituto de Criminalística (IC), as vítimas morreram por causa do vazamento de gás no apartamento onde moravam. À época dos acontecimentos, as notícias veiculadas pelos jornais ASP e DSP encenavam uma criminalização do boliviano Alex Guinones Pedraza como autor das mortes.

Na construção da notícia, outras violências são acionadas, mas não são postas em discussão pelos atores sociais. Portanto, a impressa generalista cotidiana, que se define imparcial, tende a se tornar especulativa e sensacionalista. Observa-se que a violência simbolizada pelos jornais supracitados vê-se fomentada em relação à violência experienciada na realidade, tais interferências adoçam as violências efetivas.

Na notícia em análise, pode-se negligenciar para efeito de discussão as condições de moradia da família; de vulnerabilidade social; a responsabilidade por parte da empresa pelo vazamento de gás; a violência contra a mulher; a omissão da polícia em apurar denúncias de violência contra mulheres; a questão da política de imigração brasileira, no caso da maior parte dos bolivianos, que fazem parte de grupos socialmente marginalizados; a xenofobia que não deixa de ser um ódio pelo outro, mas também torna-se um choque violento entre as culturas. Definitivamente, pode-se fechar os olhos para essas questões e enfatizar as circunstâncias que envolvem a violência, esperando que os acontecimentos rendam mais encenações falaciosas.

**Referências**

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. Trad. Ângela S.M. Corrêa. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2010.

CHARAUDEAU. P; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. (Coord.) de Tradução Fabiana Komesu. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. Organização: Sírio Possenti, Maria Cecília Péres Souza-e-Silva. São Paulo, Parábolas Editorial, 2008.

***\_\_\_\_\_****. Análises de textos de comunicação. Trad. Cecília P. de Souza*, Décio Rocha. 6º ed. ampl. São Paulo: Cortez: 2013.

NASCIMENTO, J. V. & CANO, M. R. de O. Cenas da enunciação em textos jornalísticos: o caso da “ditabranda” na Folha de S. Paulo*. Veredas on-line – Atemática* – 1/2011, p. 398-411.

SONTAG, S. *Diante da dor dos outros.* Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras. 2003.

1. \* Professor Doutor, Titular do Departamento de Português e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP e Professor Voluntário do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFES, Brasil. E-mail: jvnf1@yahoo.com.br. [↑](#footnote-ref-1)
2. \* Doutorando em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, com estágio sanduíche pela Universidade do Minho, Portugal. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: andersonferreirasp94@gmail.com. Bolsista Capes. [↑](#footnote-ref-2)
3. Está notícia fora publicada no dia 18 de setembro de 2013, portanto antes das outras que analisamos. [↑](#footnote-ref-3)